ANO 10.º LISBOA — SABADO, 10 DE MAIO DE 1930 N.º 2785

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

AMELIA Rey Colaço vai representar na sua "serata d'honore„ a peça italiana "La Vena de Oro", de Guilherme Zorzi, que Norberto de Araujo traduziu com o titulo "O Veio de Ouro„.

A artista e o tradutor, nosso querido colega, merecem esta noticia de primeira pagina e dispensam adjectivos, limitando-nos a esclarecer o leitor acêrca da peça que vai ser representada. A acção de "La Vena de Oro", que em Lisboa foi representada por Vera Vergani, decorre num belo ambiente de arte e de intimismo, constituindo uma peça padrão de teatro sem truques e sem violencias, toda feita de delicadeza espiritual, com uma ou outra nota mundana, de grande chique.

Amelia Rey Colaço representará o papel que foi criado por Vera Vergani, "Condessa Maria", e a arte a que nos tem habituado justifica o interesse pela noite de segunda-feira, que será uma autentica festa de arte.

* * *

DOUMERGUE, presidente da Republica francesa, foi a Algeria assistir ás festas do primeiro centenario da conquista daquela colonia do norte de Africa. Em pouco tempo os franceses conseguiram transforma-la num país rico, civilisado e progressivo, que honra a raça branca. Entre os festejos houve um interessantissimo desfile de tropas, desde o inicio da ocupação até hoje, que ali desembarcaram. Cortejo de indumentaria militar, recordando varias epocas historicas, cheio de prestigio e de evocação.

Porque não fazê-lo tambem numa das nossas colonias, por exemplo, em Angola, tomando como ponto de partida, os marinheiros das descobertas?

A' pompa patriotica, em tudo justificada, juntar-se-ia o simbolismo, altivo e forte, capaz de estimular as energias latentes da nossa raça.

* * *

NA primeira sessão do Congresso Colonial, que se realizou ontem de manhã, usou da palavra o sr. dr. Carlos Alpoim, cujas opiniões têm o sabôr das paragens que visitou e estudou, na sua qualidade de magistrado.

Não se educou com os livros, mas sim com a experiencia.

Novo, inteligente, estudioso, republicano dedicado ao saudoso Alvaro de Castro, pertence ao numero dos que pensam o que dizem e dizem o que pensam.

Todos os que ontem o ouviram, no Congresso Colonial, ficaram percebendo que, muito diferente de tantos outros, a sua palavra sabe juntar a razão á persuasão.

* * *

O COMANDANTE sr. Pereira da Silva partiu hoje no "rapido„ da manhã para Viana do Castelo, onde vai realizar esta noite, no teatro Sá de Miranda daquela cidade, uma conferencia de propaganda da Marinha.

A canhoneira *Mandovy*, por ordem do Comando Geral da Armada, fundeou em Viana do Castelo, devendo os seus oficiais assistir á conferencia do sr. comandante Pereira da Silva.

TEATRO PORTUGUEZ

UM TRIUNFO

Representa-se hoje, pela quinquagessima vez, a peça de Virginia Vitorino — *Degredados* que pode servir de exemplo aos dramaturgos que teimam em manter-se afastados, na sua torre de marfim, explorando os temas de amor, sem os avigorar com os grandes sopros da vida.

Nos ultimos tempos, a arte e a literatura portuguesas puzeram-se ao largo da Nação, cultivando o seu jardim de preciosidades, como aquelas donzelinhas nordicas que viajam até o Spitzberg para, á luz do sol da meia noite, jurarem fidelidade ao seu noivo, companheiro de viagem. Urge que os nossos escritores e artistas voltem outra vez á Torre de Belem, ao coração de Portugal, virando costas ao Reino das Bagatelas ,onde agora se consomem, como no tempo do *Hissope*, a bordar flôres de missanga.

Virginia Vitorino, poetisa de entre o sentimento e os labios, sincera, inteligente, delicada, sabendo escolher as palavras, como os mestres da pintura as côres, e as imagens ao sabor dos ritmos e das inspirações da sua Musa — olhos misteriosos e velados, visões e formas graciosas, banhadas na luz das estrelas — ao escrever a sua primeira obra teatral, decidiu logo situá-la na palpitação ardente dos problemas nacionais, dar-lhe o corpo e a alma da raça, colocando-a sob a viração dos roteiros oceanicos.

Houve quem lhes preguntasse:

— Minha senhora, que razões a levaram a abordar um assunto forte e encapelado de paixões, quando o pendôr suave do seu lirismo devia conduzi-la ás dramaticas evocações de figuras, deambulando na luz mortiça das salas — sem fulgurações, nem clamores, nem vibrações?

— Quem como eu passou a sua infancia, na familiaridade, no convivio sugestivo e diario das figuras que decoram o templo ou repousam nos tumulos de Alcobaça, acha-se fatalmente em comunhão irresistivel com a nossa Patria.

A autora dos *Namorados* obedeceu, pois, á voz intima, quasi instintiva do misterio em que desabrocharam os seus sentidos e os seus primeiros sonhos, percebendo no drama de «Pedro e Inês» a grandeza dum povo que se jogou contra todas as aventuras — mesmo as que se esboçam sob a inspiração tragica do Destino e da Morte.

A peça *Degredados* não pode nem deve ser vista á luz dum pensamento restritamente folhetinesco, mas encarada na sua exacta significação — o desejo de fazer sentir, em terras de Africa, o limpido fervor, a paixão criadora que anima o nosso colono.

Teofilo Braga costumava dizer que havia, entre nós, quem, nas paginas dos seus livros, tornava Portugal menor que a sua alma e a sua gloria. Virginia Vitorino, seguindo o conselho do venerando mestre, obedeceu á tendencia contraria — da Europa até á Africa, num largo movimento de luminosa enscenação, pôs a florir, a cantar as virtudes que nos honram.

Como Norton de Matos que herculeamente quiz fazer de Angola não a colonia distante, foragida, governada por decretos e historiada em relatorios, mas a criação alta do nosso engenho e do nosso saber, Virginia Vitorino, alheia ás brigas e discussões que nos retalham, encontrou na sua sensibilidade esta consoladora certeza — o português, esteja onde estiver, na metropole ou no Ultramar, é o homem duma unica verdade — a do seu país.

E para mais enaltecer o culto do torrão patrio, não foi pedir á dramaturgia francesa, tanto ao alcance da penuria nacional, o modelo segundo o qual havia de traduzir a sua eloquencia, tão subtil e tão calorosa, ao mesmo tempo.

Bastou-lhe consultar-se a si propria, ouvir-se, na solitaria independencia do seu estro, para encontrar o seu caminho, amplo e liso — paisagens de Portugal, dum lado; do outro, ardores e violencias rutilas de palmar africano. E assim Virginia Vitorino, com o simples prestigio do que é, escreveu uma peça que marca, sem duvida possivel, o signo do que vai ser.

JOAQUIM MANSO

O EMBAIXADOR de Portugal em Madrid ofereceu hoje uma recepção em honra dos delegados portugueses ao Congresso Internacional dos Caminhos de Ferro, a que assistiram o general Berenguer, acompanhado de sua filha, e os ministros de Estado, do Fomento, do Trabalho e da Economia, além de muitas familias da melhor sociedade de Madrid.

Apesar de não ter caracter diplomatico, tendo assistido apenas o pessoal da legação do Brasil, a recepção na embaixada de Portugal marcou uma nota de grande elegancia, constituindo uma bela festa de confraternização luso-espanhola.

* * *

APOIAMOS inteiramente os esforços da "Associação Comercial de Lisboa„ que reclama, com inteira justiça, que se reduza a taxa do juro de desconto do Banco de Portugal, fixada ainda em 8 0|0.

Ha países em que esta taxa desceu a baixo de 3 0|0. O nosso comercio e a nossa industria lutam com tremendas dificuldades, parecendo que seria justo facilitar-lhes capitais, em condições favoraveis.

Porque se não faz isso?

Apelamos para os corpos directores do Banco de Portugal, na convicção de que estes clamores não se perderão no deserto.

* * *

IMAGEM, a excelente revista de cinema que ha meses suspendera a sua publicação, reapareceu hoje completamente remodelada e com um aspecto grafico que a coloca a par das melhores revistas estrangeiras do genero.

Além de vir profusamente ilustrada, com belas fotografias das mais famosas vedetas, insere escolhida colaboração literaria, critica e informação inédita.

* * *

POR absoluta falta de espaço, só na na proxima segunda-feira publicaremos a apreciação do "Lohengrin„ que ante-ontem, no Coliseu dos Recreios alcançou um exito tão ruidoso — notavel apreciação assinada por Francine Benoit.

* * *

ABRE, para a imprensa e convidados, na proxima segunda-feira, pelas 12 horas, na Sociedade Nacional de Belas Artes, o I Salão dos Independentes.

No dia seguinte será a exposição franqueada ao publico.

* * *

OS estudantes de Badajoz, que se encontram em Lisboa, depuzeram hoje uma corôa na estatua de Camões, comparecendo pelas 11 horas da manhã em frente do monumento com os seus professores e varios colegas portugueses.

* * *

PARTIU hoje para Londres, em missão scientifica de estudo, o sr. dr. Antonio Martins, distinto medico cirurgião, que nos grandes centros clinicos daquela cidade vai estudar e aplicar a cirurgia do estomago.

Chá das cinco

As mulheres-policias

Nada se perde, tudo se transforma. Vão-se as meninas dos telefones; criam-se as mulheres-policias (eu preferia escrever as senhoras-policias, por respeito ás senhoras e á policia).

Vão-se as frageis meninas a quem podiamos dizer «as ultimas»; criam-se as mulheres fortes que, á primeira palavra, nos aplicarão a pena ultima, que é, afinal, a de sentir-se um homem preso por uma mulher, levado por ela á cadeia, seja qual fôr a especie de cadeia, inclusivé a do matrimonio.

E, perdõe o amigo Lavoisier, mas nesta transformação alguma coisa se perde...

E' verdade que alguma coisa se ganha tambem, ganha-se o ensinamento duma verdade que nos parecia facécia de revista do ano ou fantasia de magica estilo «Reino das Mulheres»—as mulheres podem ser policias, policias autenticos, sem que a ninguem reste duvidas ou seja dado o direito de achar gracinha.

E é verdade tambem—e devo confessa-lo, ainda que me custe a perda de mais alguns jogos de palavras—que as senhoras-policias são destinadas mais ás mulheres que aos homens, o que seria da nossa parte mais de agradecer que de temer.

Seja como fôr, e á cautela, aqui repito o meu respeito pelas senhoras-policias, como senhoras e como policias.

E se de alguma forma e involuntariamente lhes fui desagradavel, lembrem-se de que num homem não se bate nem com uma flôr...

ROGERIO PEREZ

GIMNASIO Telef. T. 914

Companhia LUCILIA-ERICO

HOJE — A's 9 1/2 da noite

11.ª representação da peça em 3 actos e 5 quadros de Lucien Besmard

O SEGREDO DO HAREM

No ROYAL CINE

R. da Graça, 100 — Tel. N. 6791

HOJE—A's 21 1/2 horas

FORÇA QUE SEDUZ

com Evelin Brent e Renée Adorée

CONDES Cinema Sonoro

A Melodia do Amor

Canções espanholas por LUPE VELEZ

1812

a «ouverture» de Tschaikowsky

OPERA NO COLISEU

Amanhã ultima da "Butterfly" Hoje penultima do "Lohengrin"

Amanhã canta-se no Coliseu dos Recreios, pela ultima vez, a inspiradissima opera de Puccini «Madame Butterfly» desempenhando o papel da protagonista a eminente soprano Florica Cristoforeanu e pela primeira vez o principal papel masculino o notavel tenor Franco Tafuro.

Hoje realiza-se a penultima representação da famosa opera de Wagner, «Lohengrin» que na sua estreia obteve um extraordinario sucesso não só pela sua soberba interpretação como tambem pelo luxo e magnificencia com que foi posta em scena.

Brevemente realiza-se a primeira representação da opera de grande espectaculo «Turandot» cujo deslumbramento de scenario excede tudo quanto se tem visto em Portugal.

UMA FIGURA DISTINTA

Monsenhor Fiadeiro

que completa amanhã 25 anos de prior de São Domingos

foi professor dum milhar de portugueses

Estão-se celebrando em Lisboa as bodas de prata—da sua colação na paroquia onde preside—de um sacerdote, figura distinta do clero do Patriarcado, e pessoa de relêvo na sociedade portuguesa: Mgr. João Damasceno Fiadeiro, prior de S. Domingos.

Com efeito, amanhã, domingo, 11 de maio, faz 25 anos que Mgr. Fiadeiro, que então contava 31 anos, foi investido no cargo paroquiano que hoje desempenha, e que é um dos mais destacados de todas as paroquias do Patriarcado.

* * *

Mgr. Damasceno Fiadeiro é uma das personalidades de mais cultura humanista e literaria, filosofica e teologica—não sendo um Mestre teologo encartado como tantos—do clero arquidiocesano. Pouco dado a exibicionismos, sem a modestia falsa dos inocentes, sem curso para bispo, disciplinado, respeitador, piedoso sem unção, virtuoso sem capa de santo, de um trato distintissimo, aparentemente sêco e por vezes frio de maneiras, talvez porque é oriundo das abas da serra da Estrela; orador sagrado, critico dos textos latinos profanos, comendador da literatura classica portuguesa, professor erudito sem pretensões de sabio de pesada sabedoria intransmissivel, quasi aristocrata no bom sentido fidalgo do vocabulo, plebeu orgulhoso de nascimento—Mgr. Fiadeiro não admira que seja assim uma figura respeitada dos catolicos portugueses, querido dos seus paroquianos e considerado por pessoas de todos os credos politicos e confessionais.

E embora o clero português tenha figuras tão distintas, mesmo em Lisboa, como esta de que estamos tratando, elas não são contudo vulgares, não se encontram aí, assim, a cada canto. E por isso o relêvo que damos ao acontecimento é merecido, representando da parte do «Diario de Lisboa» um dever de justiça, e da parte do jornalista um dever de gratidão: As minhas primeiras luzes em literatura nacional, humanidades e latinidade—e não tem culpa o emerito professor do mau aluno—vieram-me, entre outros, do padre Damasceno Fiadeiro.

* * *

Nasceu na Covilhã, de familia modesta, honrada e trabalhadora, industriais de lanificios sem fortuna, o actual prior de S. Domingos. Foi em 1874—conta hoje, pois, 56 anos.

Estudou preparativos em S. Fiel, e ordenou-se no Seminario de Santarem, onde completou seus estudos. Em 1893 era professor nesse Seminario. Em 1896-1901, em S. Vicentet de Fora, pequeno Seminario livre. Em 1899 foi nomeado capelão efectivo do Paço Real. Dos capelães do seu tempo—existe só ele. Morreram já os conegos srs. drs. Castro, Almeida, Proença e Vicente, que com ele privaram com a real familia deposta.

Em 1900 colou-se como prior em S. Lourenço. Em 1901 foi professor de literatura do infante D. Manuel, depois Rei. Acompanhou a rainha D. Amelia na sua viagem ao Egito.

Finalmente, em 1905, no tempo do Cardial Patriarca D. José Neto, foi feito prior de S. Domingoss—o aristocratico e historico templo de Lisboa, igreja da côrte, a segunda Sé de Lisboa, monumento nacional, cheio de tradições. Ali criou nesse ano o Apostolado da Oração—que hoje organiza as festas da comemoração das suas bodas de prata,—e ali se fez a sua cabeça toda branca...

Em 1908 recebeu a comenda da Conceição, e em 1910 Pio X deu-lhe o titulo de Monsenhor.

Feita a Republica, Mgr. Fiadeiro, que soube sempre adoptar uma atitude digna perante os altos interesses da igreja e o regime constituido, continuou á frente da sua paroquia, e continuou leccionando. Este homem nunca deixou de ensinar. Ha 30 anos que é professor, e por suas mãos, e de seus ensinamentos, receberam cultura cêrca de mil pessoas da sociedade portuguesa, de todas as profissões e categorias: sacerdotes, alguns priores, hoje de Lisboa, um bispo,—que nós saibamos—medicos, advogados, militares, funcionarios, engenheiros, escritores; gente de nobreza e gente sem apelido famoso, pessoas que se dispersaram na vida, e se reunem na proxima segunda feira, num almoço oferecido ao seu antigo professor, reunião que constituirá um dos mais consoladores testemunhos do respeito e gratidão que rodeiam o cultissimo sacerdote.

Mgr. Damasceno Fiadeiro foi ainda em 1921 professor do Liceu de Camões, como o tem sido de inumeras escolas e casas particulares. Possui a medalha Pro-eclesiae, é membro da Academia Romana. Recebeu ha um ano de D. Afonso XIII, de quem é amigo pessoal, a comenda de Merito Civil, e ha dez dias foi agraciado pelo sr. Presidente da Republica com a comenda de Cristo, cujas insignias amanhã lhe serão oferecidas.

* * *

Como dissémos, 25 anos em S. Domingos—o templo das solenidades mais antigas e das solenidades nacionais de sempre, visita de bispos e arcebispos que bastas vezes trocam as suas Sés catedrais e episcopais pelo templo dos antigos frades de S. Domingos,— Mgr. Fiadeiro adquiriu entre os seus paroquianos um prestigio sério, respeitoso, diremos que um prestigio moderno.

Estes dias tem havido solenidades religiosas em S. Domingos, promovidas por uma comissão e pelo Centro do Apostolado, e amanhã, domingo, data justa dos 25 anos de exercicio paroquiano, o Nuncio Apostolico, Mgr. Reda Cardinale oficiará solenemente, ás 11 horas. A' tarde, realiza-se ali uma sessão solene em seu louvôr e honra, e será descerrada uma lapide comemorativa.

Mgr. Damasceno Fiadeiro, a quem hoje fiz o meu cumprimento respeitoso e grato, como boa lembrança do tempo em que me obrigava a decorar Virgilio e Horacio—que a memoria atraiçoou e Camões, que felizmente conservo e transmito, comentado, a meus filhos—terá o inefavel prazêr de vêr nestes dias á sua roda centenas e centenas de discipulos, entre os quais este jornalista, o mais humilde e o menos proveitoso de todos.

NORBERTO DE ARAUJO

UM LIVRO CURIOSO:
UM LIVRO ATRAENTE:
UM LIVRO VERIDICO:
UM LIVRO PRECISO:
UM LIVRO UNICO:

por Adolfo Coelho

ESPIONAGEM

Os segredos da Grande Guerra
Assombrosas revelações

Não deixe de lêr as aventuras de espiões como **Sidney Reilly, Trebitch Lincoln, Karl Muller, Coronel Lawrence** e **C. 25.**

1 vol. profusamente ilustrado. Esc. 10$00, pelo correio, 12$00.

Livraria Classica Editora-Restauradores, 17.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

Sortes grandes?
só o PINA as vende
76 — Rua de S. Paulo — 77

Pelos teatros

Recitas populares no Gimnasio

Alcançou um grande exito a primeira recita popular, a preços reduzidos, que ontem se realizou no Teatro do Gimnasio, com «O Segredo do Harem». Em virtude do excelente acolhimento que esta iniciativa teve por parte do publico, a empresa resolveu dar hoje outra recita popular, aos mesmos preços. a fim de que toda a gente possa admirar a magnifica criação de Lucilia Simões na protagonista do «Segredo do Harem», acompanhada pelo trabalho forte e incisivo de Erico Braga e Samuel Diniz.

"A Parodia"

No Teatro Variedades, realizam-se esta noite as primeiras representações da revista em 2 actos e 10 quadros, «A Parodia», original de Pedro Bandeira, Carvalho Mourão e Xavier de Magalhães, musica de Wenceslau Pinto, Alves Coelho e Raul Portela. «A Parodia», que obedece ao recorte das peças populares apresentadas pelo empresario Artur Ennuz, foi ensaiada por Augusto Soares. Os scenarios e guarda-roupa foram expressamente confeccionados. No desempenho toma parte toda a companhia do Variedades.

"A Bola"

Cada noite que passa mais se acentua o exito da revista «A Bola», em scena no Avenida, á volta da qual os seus autores, Alberto Barbosa e José Galhardo, têm sabido criar um grande ambiente de simpatia e de atracção, enriquecendo-a constantemente com numeros de uma rara actualidade, e, ultimamente, com a introdução, em varios bailados de enorme relevo artistico, dos eximios e modernos bailarinos Mora & Falkoff. «A Bola», em duas sessões, tem preços populares em todos os lugares do elegante teatro.

"Senhor da Serra"

O Apolo é um teatro popular por excelencia. Todas as noites uma magnifica companhia, constituida por elementos de primeira categoria no nosso teatro musicado, ali representa, com grande exito, a popularissima revista «Senhor da Serra», de Lourenço Rodrigues, Alvaro Leal e Xavier de Magalhães, tendo como «compére» o impagavel actor comico Carlos Leal. «Senhor da Serra» continua o exito, sempre crescente, aos preços mais baratos de Lisboa.

Atrás do reposteiro

Repetem-se hoje, no Trindade, as zarzuelas «El punao de rosas»» e «La côrte de Faraon». Amanhã, efectuam-se dois espectaculos: de tarde, em «matinée», as zarzuelas «El punao de rosas», «La gatita blanca» e «La côrte de Faraon; á noite, «La alegria de la huerta» e «La côrte de Faraon», com um «Fim de Festa» pelos artistas Rafaela Haro, Matilde Martin, Rosita Cadenas, Artur Lledó e Carlos Rufart. Amanhã, realiza-se a 9.º récita de assinatura com a zarzuela em 2 actos e 4 quadros, de Garcia Alvarez e Antonio Paso, musica do maestro Pablo Luna, «El nino judio».

—Com a 50.ª representação da peça «Degredados» efectua-se, esta noite, no Teatro Nacional, a récita da autora, Virginia Vitorino. Amanhã, representa-se pela ultima e definitiva vez a peça «Degredados».

—Anuncia-se para breve a vinda a Lisboa de uma companhia estrangeira de declamação, trazendo á sua frente um actor que, sendo um artista de alta categoria, é tambem um ilustre poeta no seu país.

—Estreou-se ontem, com grande exito, no Teatro Avenida, em Coimbra, com a peça «O processo de Mary Dugan», a Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo, que amanhã ali termina os seus espectaculos.

—Consta que a nova revista de Lino Ferreira, que será estreada no Teatro da Trindade pela Companhia Hortense Luz, no seu regresso do Porto, terá por titulo «A Revista da Trindade».

—Confirma-se, infelizmente, o falecimento, em Vila Luso (Angola), do actor Otelo de Carvalho, tendo ali ficado a actriz Dulce de Menezes, que era a sua «partenaire», nos numeros que andavam realizando em «dueto».

—Tem despertado sensação no Zoí, as danças modernas e «castizas» de Julita Castejon.

—No Teatro Maria Vitoria continua a obter um belo exito a revista «Pé de Vento».

—Presentemente, encontram-se em Africa, em «tournée» as Companhias Artur de Almeida, Romualdo de Figueiredo e Antonio Palma-Silva Sanches. De regresso, devendo chegar em breve, vem a «Troupe Violetas» e, parte para ali, no dia 20, a de Lina Demoel.

Danças Modernas

Professor categorisado

A. A. SANTOS MONTEIRO

(Auxiliado por duas senhoras)

Lições em series e avulso para senhoras e cavalheiros. Domingo, 11, as 3 da tarde, Chá-Dançante, para os seus ex.mos alunos e pessoas pelos mesmos apresentadas. Traje de passeio.

Avenida Duque de Loulé, 83

Grande Hotel d'Italia

Mont'Estoril

Amanhã

Chá Dançante

O CLARO-ESCURO ANIMADO

A semana cinematografica

"O Volga em fogo"

Se no cinema sonoro os russos conseguiram alcançar a mesma posição que alcançaram dentro do cinema silencioso, para grandes coisas temos que preparar-nos. Na verdade, a superioridade dos cineastas russos é incontestavel. Tam grande, que até mesmo nas obras chamadas «comerciais» conseguem elevar-se muito acima da média habitual.

Veja-se «O Volga em Fôgo». Reconstituição historica fundamentada num enrêdo sem grande elevação, a competencia técnica de Taritch, as suas qualidades de encenador, o seu sentido cinematografico, transparecem em cada scena, como se fossem predicados essenciais da sua raça.

O mais notavel em todo o filme — além da beleza das imagens, tomadas segundo aqueles extraordinarios «angulos psicologicamente certos» que só os russos sabem utilizar sem desbarato e sem ridiculo — é a segura, a serena interpretação das «massas corais», — dos figurantes, para falar com mais propriedade e menos pretensões. O artista que interpreta Bulat Batir (o seu nome é dificil de fixar) tem uma bela criação, embora não consiga, segundo as normas que regem a cinematografia sovietica, destacar-se «em vedeta» do conjunto.

Menos humano, mais convencional que os outros filmes russos que admirámos, «O Volga em Fôgo» impõe-se sem reservas.

"A tragédia da Rua"

Bruno Rahn é um digno discipulo de Pabst, esse alemão modelador de lama. «A Tragedia da Rua» mostra bem — a tragedia da rua. Acima da atmosfera confrangedora e sórdida das ruelas, pairam paixões que, por serem reles, não deixam de empolgar. Os nossos instintos mórbidos sofrem uma rude provação, enfrentando a crueza de semelhantes scenas. E por isso essa historia do mal pode considerar-se redentora.

Não a aconselhamos, é claro, a meninas solteiras. Mas os homens precisam de frequentar estas escolas, onde se ensina o bem e o juizo — mostrando o horror do mal e o perigo da loucura.

Ha uma coisa que me espanta: como é possivel interpretar um papel como o que interpreta a grande Asta Nielsen, especialista em criações «de genre», e o inquietante Oscar Homolka, sem «ser assim» — ou sem ficar doente.

Mas na verdade, se á arte é permitido desencantar beleza nos mais repelentes lupanares, «A Tragedia da Rua» é uma obra horrivelmente bela.

Não porque o seu entrecho não seja discutivel. A efabulação do «fait-divers» admite principios mais que arbitrarios. Mas tambem é certo que, todos os dias, nos jornais, se descobrem casos reais não menos repugnantes e que desafiam mais ainda a lógica e a razão.

"Estudantes"

Existe um verdadeiro abismo entre as comédias americanas cuja acção decorre entre estudantes e esta pesada pelicula alemã, sem frescura nem interesse, onde se revela a espessa grosseria da sensibilidade germanica.

Agravada por uma preocupação de tese pacifista, quasi ridicula, por uma interpretação pesada, por uma sequencia toda em arestas, essa grosseria não consegue sequer definir qualquer libelo ou mesmo qualquer azêda critica aos métodos pedagogicos alemães. A «Kultur» vale bastante mais do que este filme pretende fazer crêr.

Wolfgang Zilzer está tão longe de «Tereza Raquin» como Fritz Kortner de «Sombras» ou de «No tempo do terror». Quanto áquele grupo de matulões que fazem parodia nas aulas ou ao corpo docente do liceu imaginado por Robert Land não ha referencias a fazer.

PLENA CONFIRMAÇÃO

"AMOR NO RING"

fonofilme de Reinhold Scünzel

Se «Sombras Brancas» nos havia impressionado com a magia da sua musica-fantasma; se o «Diabo Branco» nos iniciara nos espectaculos exclusivos ao fonocinema; se «A Melodia do Amor» nos revelara o encanto das sombras que cantam; se «Um rapaz com sorte» nos mostrara o valor emotivo do dialogo.— «Amor no Ring» confirmou plenamente todas as esperanças que, a pouco e pouco, fundavamos na fonocinematografia, fundindo num só filme, graças ao talento de Reinhold Schunzel, todos os dados essenciais em que se baseia o novissimo problema.

«Amor no Ring» aproxima-nos do facto, a nós e a todos os espectadores conscienciosamente imparciais, dessa «verdade sonora» ou, melhor, dessa «realidade fonocinematografica» capaz de nos despertar emoções novas, inexperimentadas—e admiraveis.

Reinhold Schunzel expuzera-nos em Berlim a sua interessantissima teoria sobre o fonocinema, teoria tanto mais atraente quanto é certo que, parecendo-nos á primeira vista paradoxal, pôde ser brilhantemente realizada na pratica. Para Schunzel, o fonocinema deve e «pode» ser tão internacional como o cinema silencioso. E, ha um ano, sonhava realizar um filme sonoro e falado em que, simultaneamente, pudesse fornecer ao publico todas as impressões de que ele necessita para se satisfazer. «Amor no Ring» é a realização desse sonho,, que não sabemos se é dum artista ou dum homem inteligente, mas que nos empolga e nos convence.

«Amor no Ring» reune a uma cuidada beleza visual, beleza feita de equilibrio, construida segundo os mais solidos principios da técnica cinematografica, uma clareza tão «internacional» que, sendo um filme de acção, não necessita de legendas para ser compreendido o seu entrecho.

O contra-ponto sonoro foi estudado da seguinte forma: sempre que as imagens necessitavam dum ambiente artificial que compensasse no espirito do publico o mutismo das figuras que animavam, um trecho musical, escolhido com o maior discernimento, era executado simultaneamente. Nesses quadros, a palavra foi desprezada, por inutil, por comprometedora,—tão inutil como as imagens em brilhante discurso, tão comprometedora como argumentos explicando ideias admitidas. A palavra só ocorre quando é necessaria, mais para adicionar emoção que propriamente para explicar ou esclarecer scenas dialogadas. Por isso cada interprete se serviu da sua propria lingua. O espectador experimenta assim essa «sensação de presença» que o teatro e o cinema mudo só podem sugerir-lhe abstractamente,—sensação de presença particular, completa, pois os seus olhos e os seus ouvidos adquirem toda a flexibilidade que permite a deslocação do aparelho de filmar e a colocação do microfone em relação á origem sonora. Durante o combate de box, por exemplo, experimenta-se esta sensação unica: a de estarmos ao mesmo tempo no «ring», na galeria, na mesa do juri, em casa da mãe de Max, junto do locutor que transmite as fases do «match» pela radio, na pele dum combatente, na do outro, na do arbitro, em toda a parte, enfim, a ver — e a ouvir! E' a omnipresença, a ubiquidade,—um milagre!

O publico, o arbitro, o locutor falam alemão e a gente não percebe...—dirão os descontentes. Então se os senhores fossem a Berlim vêr um combate de box, em que lingua julgam que ouviriam falar?... E' por isso, e só por isso, que o Santa Camarão e o Artur Duarte falam português, aqui, em Berlim e em toda a parte onde se exiba o filme.

Porque os dialogos em português, é preciso dizê-lo, não foram metidos a martelo só para lisongear as plateias luzitanas. Não são meros engódos para exportação. Fazem parte integrante, necessaria, natural, do conjunto da obra. E por isso mesmo são encantadores. Assim, podemos sentir, sem sair das portas de Santo Antão, esse prazer admiravel que é encontrar no estrangeiro compatriotas nossos.

Constatamos com jubilo os progressos, verdadeiramente espantosos, conseguidos na reprodução sonora do Politeama. Não se perdeu uma palavra dos dialogos; os instrumentos e as vozes têm o seu timbre proprio. Se já conversaram com Artur Duarte ou Santa Camarão ,não têm duvidas. E se já ouviram tocar um piano, um violino, um violoncelo — tambem não.

A. R.

"Uma rapariga em cada porto"

Todos os predicados, todas as qualidades que fizeram do cinema, em menos de trinta anos, uma arte cheia de elevação, se reunem neste espantoso filme de Herbert Hawks.

Ideologicamente, bastava o facto de explorar, não o tema sediço do amor, mas a nota mais pura e mais humana da amizade, para o distinguir entre mil. Mas a um argumento felicissimo, por sua original simplicidade, junta-se a mais sóbria e cuidada realização, a mais segura interpretação.

Sóbrio, cuidado ,seguro — são adjectivos gastos e, por isso, quasi insignificativos. Mas atafulhar em frases retorcidas uma obra que, estando acima de toda a critica, não necessita de quaisquer encomios suplementares, seria um bem inutil atentado.

A sua analise sob o ponto de vista cinematografico levar-nos-ia longe de mais. Não deparamos em toda a pelicula com nenhum plano que nos chocasse pelo enquadramento, pela marcação, pela montagem. Tudo decorre com essa poetica fluencia que entusiasma nos filmes de Charlie Chaplin.

O paralelo não é artificial. No fundo de todos os grandes filmes existe qualquer coisa de Charlot. Porque Charlot é o homem. E o cinema só é grande quando é humano

Mas o que espanta em *A girl in every port* é que «não tendo nada de extraordinario» — seja excepcional.

Victor Mac Laglen e Robert Armstrong ultrapassaram de tal maneira as marcas corriqueiras, que os confundimos na nossa admiração por toda a obra, sem fazermos restricções de qualquer natureza.

"Uma noite em Singapura"

Os cineastas americanos têm um geito especial para enscenar aventuras maritimas, policiais ou de Far-West. Consideramos isso uma consequencia imediata da sua cultura literaria, que tem por base Edgar Wallace, Philips Oppenheim e Zane Gray — quando muito Joseph Conrad, Edgar Poe e Fenimore Cooper... — isto é: todos os pioneiros da aventura.

Da novela «All the brothers were valiant» já fôra extraido um belo filme, interpretado por Lon Chaney, Billie Dove e Malcolm Mac Gregor. William Neigh (não garantimos, mas parece-nos ter sido ele, ou então Maurice Tourneur, o realizador da primitiva versão), fez nova adaptação cinematografica, substituindo os protagonistas por Ernest Torrence, Joan Crawford e Ramon Novarro.

Como não conhecemos o livro-origem, não sabemos qual das duas versões mais se aproxima dele. Mas sabemos que são assáz diferentes — e que preferimos a primeira, sem hesitações.

Isto não pretende desprestigiar de qualquer forma a excelente pelicula que agora temos ocasião de vêr. Realizada com grande consciencia, possui um impecavel desenvolvimento de acção. Ramon Novarro interpreta-a notavelmente, e algumas scenas são realmente magistrais. Mas a grande impressão que nos deixou «Todos os irmãos fôram valentes», tão grande como a da «Ilha dos Navios Perdidos», de Tourneur, é dificil de destruir.

"Saias!"

Sidney Chaplin nunca pretendeu imitar nem viver á custa da fama do seu ilustre irmão. O seu processo é fundamentalmente diverso, pessoal e intransmissivel. Isso bastava para o tornar simpatico. Mas ha mais. Por exemplo, «Saias!» é uma farça irresistivel, graças unicamente ao seu valor.

RETARDADOR

TEATRO DA TRINDADE
C.ª Esp.ª de Zarzuela RAFAELA HARO
Tel. T. 5023 — HOJE — A's 9 3/4
A representação das celebres zarzuelas
EL PUÑAO DE ROSAS
LA CORTE DE FARAON

ROYAL-CINE
(Telef. N. 6791)
A PEDIDO GERAL, mais dois dias de exibição do sensacional programa sonoro M. G. M.
SOMBRAS BRANCAS
que dará logar na segunda-feira á estreia em Portugal de BUSTER KEATON (Pamplinas) no film sincronisado:
O Figurante
admiravel super-produção sonora da Metro-Goldwin-Mayer

TEATRO AVENIDA
Telefone T. 5356
Companhia Portuguesa de Revistas
HOJE — DUAS SESSOES
ás 8,30 e 10,30
A BOLA

O JULGAMENTO DO «

ALVES REIS

NO TRIBUNAL D

o famos

das not

A quarta audiencia — abre á hora do costume, com as mesmas praxes e formalidades. A entrada do sr. delegado do Ministerio Publico é sempre o aperitivo solene.

Ainda a leitura: o escrivão lê os documentos relativos á acção de Alves Reis na Companhia de Ambaca: desvio de promissorias, cheques de 5.000 dolares, descontado a descoberto, etc.

Vai começar o interrogatorio

São 13,10. O juiz declara que se vai entrar no interrogatorio dos reus. Ha um «frisson» na sala. Os reus saem todos, menos Alves Reis.

Fala Alves Reis

Responde ás preguntas da praxe. Tem 33 anos. O pai é morto. A mãe vive ainda.

— Já estive preso; nunca respondi em Tribunal.

— Diga só a verdade, até para bem da sua defesa. Quere responder ás minhas perguntas, uma por uma, ou em conjunto?

— Como V. Ex.ª quizer..

O sr. dr. Simão José lê a primeira acusação: «associação de malfeitores». E logo Alves Reis:

— Nego esse primeiro crime. O «petit-contrato», de 11 de Fevereiro, na Haia, foi firmado depois da emissão de notas falsas.

Interrompe o juiz-jurado, sr. dr. Malato Fino:

— Mas havia já um contrato verbal anterior, concêrto entre os reus, para lucros. O senhor o confessou.

— Não. Houve combinações de lucros para negocios licitos. Não tinham que vêr com a emissão de notas.

— Isso não interessa — replica o dr. jurado. — O certo é que havia um contrato verbal.

— Havia para outras coisas — concorda Alves Reis.

Terminados estes dois minutos de dialogo, um pouco nervoso, em quese sente o Reis senhor de si, com voz segura — ele começa a historia. E sente-se na sala que alguma coisa de «sério», no meio de tudo isto, que tem sido vago, se vai passar.

Uma revelação: os marcos falsos

— Encontrei-me na Haia, em 1924, com Hennies, para lhe falar do negocio de um emprestimo com base nas obrigações de Ambaca. Foi ali que, incidentalmente, Hennies me contou a historia da falsificação de marcos na Alemanha, um escandalo famoso, correspondente a uma emissão clandestina fiduciaria. Fiquei então sabendo o que era uma emissão clandestina, coisa que eu até ali nunca soubera. Ao regressar a Lisboa, fui preso por causa da questão de Ambaca, e então, preso no Aljube, do Porto, durante muitos [illegible] começou a germinar-me na cavagamente, essa ideia de uma [illegible]ssão clandestina. A minha situação era desgraçada, com o crédito perdido. Não sabia nada do Banco de Portugal, da sua vida interna. Mas, logo que fui posto em liberdade, comecei a estudar o Banco de Portugal por dentro, e conheci, pelo seu Regulamento de 1891, publicado no *Diario do Govêrno*, o que me podia interessar. Li os balancetes, os relatorios, as contas. Fiz um esquema para mim da vida do Banco, e convenci-me das suas emissões surdas. Esta foi a base de tudo. Um discurso do sr. Cunha Leal no Parlamento, com datas e numeros, mais me convenceu da emissão clandestina do Banco. As portarias relativas a essas emissões, uma delas do tempo do sr. Antonio Maria da Silva — radicaram a minha convicção. Tinha havido emissões surdas, com autorização do ministro das Finanças em épocas de crise.

— Eu não quero atacar ninguem aqui, sr. juiz. Digo estas coisas que são a verdade toda, para o Tribunal saber bem como eu inventei tudo isto, e o Angola e Metropole foi possivel...

O Banco de Portugal por dentro

E prossegue, numa torrente de factos, de palavras justas, com raros desvios e certa ordenação:

— Convenci-me, sr. juiz e srs. da acusação, que no Banco de Portugal, pelo seu regulamento e pelo sistema de serviços, não havia repartição de *contrôle*. E foi essa a base de tudo.

— Por intermedio de um engenheiro, que figura como testemunha neste processo, tratei de me aproximar de uma figura, já morta, homem honrado, a cuja memoria presto homenagem: Adrião de Seixas, director do Banco de Portugal. Ao fim de quatro dias fui rerecebido e contei ao director do Banco o proposito que tinha de fazer certo negocio. Entretanto, em conversa, fui-me inteirando da vida interna do Banco do Estado e cheguei a esta desejada convicção, aliás já feita no meu espirito: não havia contrôle no Banco de Portugal.

E num gesto largo, com franqueza:

— Srs. juizes: se no Banco houvesse contrôle, isto tudo, o «Angola e Metropole», não seria possivel!

Alves Reis conta então que em outubro de 1924 foi a Berlim falar com Hennies, sobre os negocios que já havia tratado. Começou então a preparar Hennies para o negocio sôbre outro aspecto, que é o tal das «barras de oiro». Tratava-se de uma venda a praso das tais barras, e com a qual eu pretendia apenas uma melhoria cambial, com que pudesse ganhar dinheiro. Hennies aceitou em principio este negocio. Eu já trazia, sr. juiz, na cabeça a historia da emissão falsa, mas Hennies, a quem eu expunha os meus planos de outra forma, inicialmente, é que não podia adivinhar. Hennies julgou sempre que eu lhe propunha negocios licitos. Voltei a Lisboa. Comecei a inventar novos negocios, a inventar relações e combinações varias para iludir os que me rodeavam. Os meus processos enganatorios eram varios. Iludi José Bandeira constantemente, e falava-lhe de mil e uma coisas só para o deixar tonto, ante a montanha de negocios, e conquistar-lhe toda a confiança.

O presidente do Tribunal
dr. Simão José

«Entretanto ia forjando o contrato, que as pessoas que lidavam comigo julgavam segredo do Estado. Era eu quem estava ao volante de toda a maquina!

Faz uma pausa, e pede para beber um copo de agua, porque tem a garganta sêca. Prossegue:

— De 30 de outubro a 20 de novembro (1924) eu tinha tudo na mão, menos as escalas. Vão vêr V. Ex.as como afinal foi simples, quasi trabalho para uma criança, conseguir essas escalas. (Pede ao sr. juiz que lhe consinta que se procure um Regulamento Administrativo do Banco. Como não aparece, Reis, diz «Depois explicarei». E prossegue.

Um jurisconsulto alemão...

A certa altura Alves Reis pediu a Hennies que viesse a Lisboa. Não veio. Veio Karel Marang.

— Caí das nuvens! — diz —. Karel não sabia nada do escandalo dos marcos alemães, e Hennies é que sabia tudo. Marang era inutil para mim. Fiquei convencido de que Hennies mandara Marang para meter mais um no negocio, para receber mais lucro. Os lucros eram, segundo o combinado com Hennies, os do negocio da melhoria cambial, feito sôbre a base das barras de ouro caucionadas. Mas, sr. juiz, quando eu falei pela primeira vez com Hennies, sôbre aquele negocio, habilmente, comecei a deixar no espirito dele a ideia de que seria facil fazer nos mercados externos uma emissão...

E dirigindo-se ao juiz, e mudando de tom de voz:

— Se eu estou a maçar, sr. presidente, desculpem. Mas tenho o proposito de dizer tudo...

E voltando um pouco atrás na exposição:

— Eu deixara no espirito de Hennies a ideia de uma operação de emissão de 100.000 contos. «Sim, talvez, segundo as garantias» — respondeu Hennies. Então avistámo-nos, srs. juizes, com um famoso jurisconsulto alemão. Foi ele quem me deu a nota de tudo. Foi esse jurisconsulto que me forneceu, não sabendo do que se tratava, os termos do contrato a realizar, visto que isso não podia saber eu. (Sensação). E o contrato «Reis-Angola», que no dizer da acusação (e volta-se para o sr. dr. Antonio Osorio) é um abôrto em Portugal, e será, na Alemanha é modelar, por que lá é assim.

E ainda para a acusação:

— As assinaturas falsificadas são um horror. Claro que são. Eu não sou um falsario! Que me importava que elas não fossem perfeitas! Estavam reconhecidas, pelo processo já sabido, e era tudo. Mas não recorri a fotografias, como diz o Instituto de Medicina Legal, mas a um vulgar «pantografo», instrumento muito conhecido, e que certamente me apreenderam...

Volta a beber agua, e prossegue:

— Acusam-me de corruptor. De A[illegible]tonio Bandeira, principalmente. [illegible] não corrompi ninguem, e muito men[illegible] Antonio Bandeira. A historia do m[illegible] telegrama ao ministro na Haia, é ai[illegible]da a continuação dos meus process[illegible] enganatorios, de lidar com pessoas [illegible] categoria, de inventar relações. O[illegible] eu, positivamente sem cinco réis, [illegible] precisando cada vez mais de faz[illegible] despesas, para manter o meu plan[illegible] precisei de arrancar dinheiro a M[illegible] rang, sob o pretexto de que mo[illegible] via. Telegrafei a Antonio Bandeira, [illegible] quem nunca quiz pessoalmente apr[illegible] ximar-me, porque o temia, para [illegible] apanhar o dinheiro a Marang. Um m[illegible] nistro a cobrar uma divida não é [illegible] mesma coisa que outra qualquer pe[illegible] soa a interessar-se por um caso de u[illegible] compatriota...

Depois Alves Reis insinua que M[illegible] rang devia ter consigo outra procur[illegible] ção, além da que ele, Reis, lhe passe[illegible] (Como? De quem?) O certo é que o [illegible] Avelino Faria, notario, cobrou 120 [illegible] cudos pelo serviço da procuração, [illegible] isso não pode ser o pagamento só d[illegible] documento. (Não se percebeu bem [illegible] que Reis quiz dizer com isto).

Alves Reis espantado

— O certo é que Marang foi para[illegible] Haia e levou procuração para fa[illegible] o negocio da impressão das notas [illegible] Holanda. Teve dificuldades, e foi [illegible] tão á casa Waterlow. Isto prova a i[illegible] cencia de Marang. Não sôbe um [illegible] mem tranquilamente as escadarias [illegible] uma c[illegible]editada, que fabrica p[illegible] o Estado [illegible] autenticas, quando [illegible] é criminoso. E o que fez Waterlo[illegible] Ante o contrato para o fabrico de [illegible] tas, contrato que não tinha a assi[illegible] tura dos directores do Banco, mand[illegible] prender por suspeito Karel Mara[illegible] Não! Fez o negocio. E deu-lhe até [illegible] dicações, fornecendo-lhe uma nota [illegible] 500 escudos, «Vasco da Gama», co[illegible] qual nos abriu os olhos! Mas eu [illegible] sabia que Marang tinha ido a Wat[illegible] low. Eu estava em Lisboa, á espera[illegible] solução por uma casa holandesa.

E agora conta:

— Eis que me surge em Lisboa J[illegible]

QUARTA

O GRA[illegible]

Escrevo esta nota no tempo e[illegible] lauda de papel. A emoção deste [illegible] autentico, drama vivo, tragedia vi[illegible] prios nervos. Estremeço, talvez de[illegible]

O actor — domina a sala.

Alves Reis, ao cabo de cinco a[illegible] compõe. Scintila. Declama. Adivin[illegible] pontos, a verdade coberta com o m[illegible] forma; noutros pontos a verdade [illegible] pudor na acusação, que queria m[illegible] Mas a pele, a pele dos co-reus, que[illegible]

Revelou-se alguma coisa. Apa[illegible] ao sol a aza de uma ou outra inoc[illegible]

A audiencia de hoje foi uma re[illegible] a de Inocencio Camacho e Mota [illegible] a quem, por impeto acusatorio, fo[illegible]

Este homem — sôbre cuja ob[illegible] — é um tipo invulgar, singular, de[illegible] sonhos. A sua declamação de quat[illegible] de todos, se a sua «nova verdade»

BEBAM as aguas de
Vidago (1 e 2), Pedras Salgadas, Melgaço e Sabroso
as UNICAS aguas alcalinas portuguesas premiadas com GRAND PRIX na Exposição de Sevilha.
A agua das nascentes VIDAGO apresenta no rotulo o
VIDAGO PALACE HOTEL
Fire bem o rotulo
Pedidos a
VIDAGO, MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS
PORTO — Rua da Cancela Velha, 29 — Telef. 319
LISBOA — Av. da Liberdade, 132 — Telef. T. 4296
Entregas imediatas ao domicilio

UMA RAPARIGA EM CADA PORTO
é o grande exito do SÃO LUÍS

ANGOLA E METROPOLE»

CONTOU HOJE

E SANTA CLARA

romance

as falsas

AUDIENCIA

E ACTOR

to que é preciso para encher uma nendo espectaculo, de teatro judicial comedia viva — toma-me os meus pro-nsaço.

corporiza a sua «nova verdade». Re-se na sua palavra a «verdade»: nuns denso da imaginação fertil que a de-, nuasinha, que causa arrepios de mais sempre. Não os vestidos apenas. es Reis cobre com a sua declamação. alguma coisa de novo. Brilhou mais a.

tação para quem dela ainda carecesse: es. E foi a reabilitação de um homem gada inteligencia: Alves Reis.

nonstruosa os juizes se pronunciarão strutor de romances, de construtor de oras seria o seu maior crime, o maior ambem fôsse falsa.

N. DE A.

Bandeira radiante: «o negocio feito». Fiquei espantadissimo! Caiu-me o coração aos pés! Estava tudo perdido! O que ia suceder? E esperava todos os dias que Waterlow mandasse dizer para Lisboa que lhe tinham aparecido uns moedeiros falsos. E esperei dias, sem dar a entender a José Bandeira o meu desassossego. Marang fôra longe de mais... Mas passaram dias, e nada. Sosseguei. E disse a José Bandeira que «estava falando com os *homens* por causa do emprestimo secreto para Angola», isto sempre para me fazer acreditar pelo José Bandeira. A verdade é que o que eu tinha planeado era um negocio de moeda falsa para a Alemanha, e sai-me um negocio directo com o fabricante oficial do Banco. (Sensação).

«Resolvi, prossegue Alves Reis, não escrever a carta, assinada pelo Banco, em que Waterlow exige autorização escrita do Banco de Portugal. Isso era comprometedor demais. Fiz então o segundo contrato falso, «Reis-Banco de Portugal», que devia passar, como já passara o primeiro, reconhecido bom, e que desta vez levava as assinaturas de Camacho e do Mota Gomes. Resolvi ir á Holanda falar com Marang, visto José Bandeira não me ter sabido contar nada que me elucidasse. No fundo, eu estava ansioso por saber a verdade, e José Bandeira estava em branco, não lhe podendo eu dizer que «estranhava tudo». Ouvi Karel Marang e mais espantado fiquei, não o dando a entender. Até aludi a conversas com Mota Gomes, para estabelecer mais a confiança de Marang, e este poder subir as escadarias da casa do inglês mais confiado.

Agora Reis declama:

—Todo o processo está cheio de escaninhos! O que eu não percebo, srs. juizes, é que Waterlow possa ter sido dado como procedendo de boa fé, e estejam aqui sentados estes meus co-reus, que na mesma boa fé sejam levados!

A explicação dum «sonho»

—Trouxe então uma outra carta para Lisboa, de Waterlow, na qual este pedia ao Banco autorização escrita para utilizar as chapas. Fui eu quem industriou Marang para este apanhar a carta ao inglês. E eu, srs. juizes, que trazia o meu «sonho» na cabeça, o sonho de distribuir dinheiro por companhias, empresas de Africa, para Angola, enfim, eu, que afinal não fazia a emissão falsa para mim, corri mais este risco: falsificar a carta de Camacho, e que escrevi a Waterlow. E mandei então vir da Haia os contratos falsos para os queimar, sob o pretexto, que impingi a José Bandeira, de que era para o Ministro chancelar.

E volta a declamar, num á vontade que parece copiado de assembleias romanticas e não de um tribunal:

—Srs. juizes: o homem que tinha um sonho na cabeça, acudir a Angola, não tinha cumplices. Nenhum! Eu não os podia ter. Porque um homem guarda um segrêdo durante muitos meses, foge á descoberta, esquiva-se. Nove homens é que o não poderiam fazer. Sabem com certeza isto os srs. juizes. Tantos cumplices — é impossivel. E espalhei então dinheiro para Angola, subsidiei companhias, comecei a ajudar muita gente, que hoje nem sequer me conhece, e nem minhas testemunhas querem ser! E' assim o mundo... Mas a minha situação não me permite discorrer sôbre isto... (Tem um gesto desalentado e limpa o suor).

As escalas e os lucros

Alves Reis tem declarado constantemente que quando relata factos que provam que ele não é tão estupido como a acusação faz crêr, tambem não quere passar por inteligente, mas por homem que se lançou num plano, que foi mais longe do que ele pensava, e que entendeu não ter cumplices, mas agentes, visto que os cumplices deitariam tudo a perder.

Conta, então, pormenor por pormenor, como descobriu as escalas, e mostra como lhe foi facil descobrir a ordem da inscrição dos «fac-similes» dos directores. «Estava tudo escrito!» e lê os artigos do Regulamento que lhe deram a chave. Só faltava a seriação. Foi afinal—diz num sorriso á acusação particular—um jogo de... paciencia. Havia coisas que não estavam certas, em relação ao Regulamento. Mas conseguido o decreto de 1918, que reorganizou os serviços do Banco—encontrou a solução.

E diz, sem ironia, mas parecendo:

—Se V. Ex.as precisarem de qualquer informação, eu posso dá-la...

Conta que não podia adivinhar que o Banco tinha parado a seriação na letra N, e diz que começou então a encarregar Ferreira Junior de tomar nota das assinaturas das notas. Ele Ferreira Junior, não tinha que estranhar, visto «eu, quando jogava na Bolsa, já tinha o costume de mandar tomar nota dos titulos que me vinham á mão».

Defende Ferreira Junior da cumplicidade consciente, e diz:

—Sem pretender maguar os ilustres advogados de defeza e de acusação, digo que houve um advogado, o dr.. Martinho Nobre de Melo, que foi patrono de Ahrens Novais, já despronunciado, que viu tudo muito bem, nisto das escalas. Esse, sim. Se tivesse sido meu auxiliar, não saberia melhor...

O juiz interrompe:

Artur Alves Reis
durante a audiencia de hoje

—O senhor refira-se só a casos que interessam á sua defeza e não á dos seus co-reus.

—Eu não defendo ninguem; isso é com os senhores advogados. Conto a verdade, porque interessa á minha defeza e á historia de tudo isto. E, sobretudo, presto informações, até para defender a honra de homens que eu caluniei, levado pela força das circunstancias e que tenho de desagravar.

Relata depois uma exigencia descabida de Marang, quando se tratou de partilha de lucros na Haia, depois da chegada das notas...

—Inventei então a historia de um «mata-bicho» (gorgeta), para o qual precisava 17.000 contos. Marang deu-me uma estocada e eu respondi com outra.

E sorri, como se dissesse: «comi-o».

Duas anecdotas

—Não sei o que se passou com a entrada das notas falsas. Afirmo que não sei, nem como as passaram na fronteira. Só pelos autos sei que Antonio Bandeira deu um papel a Marang. Não estou aqui para defender Antonio Bandeira. Não cubro este ou aquele. Mas Antonio Bandeira não sabia de nada disto que eu estou contando.

Diz que Adriano Silva, seu empregado, depositava dinheiro nos Bancos, e transferia, tudo á sua ordem, inocentemente, ás claras, e como não é tolo, resolvia por si dificuldades. Moura Coutinho é de fraca mentalidade. Esse era um «caixeiro viajante», que levava notas ao Porto, como se levasse peugas.

—Depois as notas circulavam livremente. Como não? E como desconfiarem estes homens, que a acusação dá como meus cumplices, se o proprio Banco declarou em 6 de maio, e as notas foram recebidas em 11 de fevereiro, que não havia «notas falsas»? Houve até uns homens, que depuzeram contra mim na questão de Ambaca, e que no Porto receberam das mãos do meu empregado 2.100 contos, e acharam tudo bem. Os meus meios enganatorios foram constantes, para todos. Para todos, sr. juiz!

Agora conta como Hennies, ao chegar a Lisboa com malas com as notas falsas, protegido por um papel diplomatico, que não lhe tinha dado Antonio Bandeira, teve dificuldades em as passar no Rossio. Grande embaraço de Hennies. Reis,—isto é quasi uma anedocta—resolveu assim, dirigindo-se ao agente aduaneiro: «Este senhor estrangeiro vai com as malas em transito para Africa. Mande as malas para a delegação de Santos». E a Hennies disse: «deixe estar; eu falo ao Inocencio Camacho, que por sua vez vai falar com o sr. Manuel dos Santos, director geral das Alfandegas».

Depois, no outro dia, em Santos, fez valer o papel diplomatico do outro, tirou as malas, tendo dito a Hennies: «o Camacho resolveu tudo».

—O Camacho fui sempre eu...

Agora Reis conta o receio que tinha de Antonio Bandeira. Que nunca lhe passou telegramas claros, pois o sabia um homem inteligente e honrado, que facilitava questões que não excedessem a sua missão diplomatica e o seu desejo de ser agradavel a portugueses.

Entra-se na altura de uma segunda anecdota.

—Uma vez fiquei apavorado quando soube que o dr. Mota Gomes ia a Londres, por Paris. Já lá estava o dr. Fernando Emidio da Silva. José Bandeira foi comigo ao Quai d'Orsay, esperar o comboio onde vinha Mota Gomes. Eu tive que falar a Mota Gomes para manter perante José Bandeira a impressão de que me entendia com ele, Mota Gomes».

Fazia escuro cá fóra, defronte da gare. Alguem esperava Mota Gomes. Pareceu-me que era o dr. Fernando Emidio. Eu afastara-me de José Bandeira, aproximei-me, na escuridão dos dois homens, e ouvi distintamente o que eu supunha ser Fernando Emidio preguntar a Mota Gomes: «Então o que ha das notas de quinhentos escudos?». E o outro, tranquilamente: «Não ha nada. Não ha notas falsas. O Banco já publicou uma nota oficiosa anunciando isto». Fiquei radiante. Fui ter com José Bandeira, e disse-lhe: «Já falei com Mota Gomes. O Banco de Portugal ante-ontem publicou a nota oficiosa desmentindo a circulação de notas falsas». (Murmurio no Tribunal).

E Alves Reis:

—Vejam V. Ex.as se estes homens aqui sentados podiam assim desconfiar de alguma coisa? (O proprio dr. juiz presidente sorri).

Conta como lhe nasceu a ideia da 2.ª emissão, de 380.000 notas mais.

—Não quero que me chamem inteligente. Mas se o Banco declarava que não havia notas falsas, se ele não tinha contrôle, e se eu tivera de inutilizar muitas notas, de vogais duplas, da primeira emissão—como não tentar a segunda?

Entra em detalhes. O seu «sonho» de Angola vem constantemente á sua bôca. Reis está cansado, mas prossegue ainda:

—Ha um ponto obscuro: a famosa carta de 7 de Janeiro que Waterlow diz ter enviado directamente a Cama-

(Vêr continuação na 8.ª página

MARIA VICTORIA • DUAS SESSOES ás 8,30 e 10,30
A REVISTA DE MAIOR EXITO DOS ULTIMOS ANOS
Pé de vento

JOIAS-PRATAS
VERRERIES DE LALIQUE
MIRANDA & F.ª LISBOA PORTO

Café-Restaurant Campo Grande
Aberto toda a noite Telef. 131

Radiotonia

Programas escolhidos

PARA ESTA NOITE, recomendamos aos amadores a audição das seguintes emissões estrangeiras:

A's 19,20, da **Torre Eiffel** (1445,8 m.): Soirée radioteatral: «Pierrot posthume», de Téofile Gaulier, «Le Torchon brule», de Granet-Dancourt.

A's 19,25, de **Toulouse** (381 m.): opereta «Coups de roulis» (messager). Musica militar (Célinic, Weber, Bohander, Géza). A's 20,00, concerto pela Estudantina la Paladienne: obras de Patierno, Mozart, Ritter, Czibulka, Sartori, Luigini, Bara e Deffés. Solos de guitarra de Zurflich e Gardetta.

A's 19,45, de **Radio-Paris** (1.724,1 m.): «Gros chagrin», de Courteline. A's 20,30: «Le manoir de Rosemonde» (Duparc), «Soupir» (Maubourguet), «adagio e allegro» (Boccherini), «a chloe» Mozart), «canção espanhola» (Aubert), «Pavana» Bruneau), «Barcarola» (Chabrier), «Quatuor com piano» (Beethoven).

A's 20,00, de **Radio-Maroc** (416 m.): Concerto, obras de Meyerbeer, Kalman, Massenet, Helmburg, Saint-Saens, Chaminade e Greigh-Chapelier. A's 21,00, Dansas modernas.

A's 20,02, de **Napoles** (331,4 m.): Transmissão de opera do Teatro San Carlo.

A's 20,45, de **Argel** (363,6 m.): «Le quatorzième convive», comédia num acto de D. Valagrègue.

A's 21,05, de **Barcelona** (349 m.): «Un vieux petit cottage» (Benson), «La marseillaise» (Caballero), «Thrills» (Ancliffe), «Cupidon» (Dubois).

A's 21,30, de **Londres-National** (1554,4 e 261,3 m.): Musica de dansa.

A's 22,50, de **Berlim** (283 e 418 m.): Musica de dansa.

RELEMBRAR

Reabriu no tradicional Restaurant Paris a Pensão do mesmo nome, onde se fornecem almoços e jantares de dois regimens, sendo um vegetariano e outro vulgar. Como é de dominio publico esta casa é a que sempre serviu bem e quem lá tôr voltara. Optimos quartos e recebem-se comensaes.

Telefone Trind. 3841

Rua São Pedro de Alcantara 55

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,45—«Degredados».
Trindade—A's 21,45—«El Puñao de Rosas» e «La Corte de Faraon».
Ginnasio—A's 21,45—«O segredo do harem».
Apolo—A's 20,30 e ás 22,30—«Senhor da Serra».
Avenida—A's 20,30 e 22,30—«A bola».
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«Pé de vento».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«A Parodia».
Coliseu—A's 21—Companhia de Opera Italiana—«Lohengrin».
Zof (Parque Mayer)—A's 21—Julita Cartejon e Marina Sierra.

ANIMATOGRAFOS

S. Luiz Cine—A's 21
Politeama—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 as 0,30.
Central Cinema—A's 21.
Cinema Condes—A's 21.
Chiado Terrasse—A's 21.
Odeon—A's 21.
Royal Cine, Rua da Graça, 100—A's 21,
Mix Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.

Dancing's

Maxim's—Baile e Variedades.
Bristol Club—Baile e Variedades.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.°—Telefone N. 5353

DR. ARMANDO NARCISO—Medicina. Coração e pulmões—5 h.
DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia Geral, operações—5 h.
DR. MIGUEL DE MAGALHAES—Rins e vias urinarias—10 h.
DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Pele e sifilis—12 e 5 h.
DR. LOFF—Doenças nervosas, electroterapia—2 h.
DR. MARIO DE MATOS—Doenças dos olhos—2 h.
DR. MARIO DE OLIVEIRA—Garganta, nariz e ouvidos—4 h.
DR. MENDES BELLO—Estomago, figado e intestinos—3 h.
DR. FILIPE MANSO—Doenças das crianças—12 h.
DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das senhoras, operações—2 h.
DR. A. CARVALHO DIAS—Nutrição e impaludismo—4 h
DR. ARMANDO LIMA—Boca e dentes, protese 12 h.
DR. ALEU SALDANHA—Raio X—4 h.
ANALISES CLINICAS

ESPINHAS

PONTOS PRETOS RUGAS, menton, MANCHAS SARDAS verrugas, vitiligo, **cicatrizes de bexigas e de espinhas, seios, pelos, ventre, varizes, enrigecimento das carnes** e todos os defeitos **Estheticos**, desaparecem rapidamente com os tratamentos e productos da **ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA.** Use diariamente **Cremes, Agua, Rouge de Vie e Pó d'Arroz da Grande Marca Rainha da Hungria.** Av. da Liberdade, 35. Peça catalogo gratis.

MUNDANISMO

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

Baronesa de Saint Georges de Kantzow, Baronesa Robert Bonde, D. Maria Angelica Peixoto Taveira, D. Emilia Rasteiro, D. Maria Valentina Osorio da Rocha e Melo, D. Joana Bienchi (Vale Paraiso), D. Josefina Valado Arnaud, D. Maria do Carmo Manuel de Mendôça, D. Maria Henriqueta de Matos de Vasconcelos Guimarães (Riba Tamega) e D. Germana Correia Trancoso.

E os srs.:

Marquês de Belas, Conde do Ameal, Fernando Anjos, Pedro de Andrade Corvo Biker, Vasco Dias Ferreira Croft de Moura e Frederico Antonio Ferreira Simas.

— Faz hoje anos o menino Fernando Artur Pereira de Lacerda d'Eça Leal, filho da sr.a D. Maria Angelica Pereira de Lacerda d'Eça Leal e do sr. Fernando de Albuquerque d'Eça Leal.

Casamentos

Deve realizar-se por todo o proximo mês de junho, o casamento da sr.a D. Maria das Mercês Loureiro Simões, filha da sr.a D. Virginia Loureiro Simões e do capitão de infantaria sr. Virgilio Simões, com o sr. Jaime Amador e Pinho, filho da sr.a D. Maria Adozinda Amador e Pinho e do sr. David José de Pinho.

Foram convidados para padrinhos da noiva a sr.a D. Maria Sofia Mac-Brid e o sr. dr. Alberto Mac-Brid.

Chás dançantes

No Hotel de Italia

A'manhã haverá, como de costume, nos salões do Grande Hotel de Italia do Monte Estoril, o tradicional «Chá dançante» dos domingos, que será abrilhantado pela orquestra privativa do mesmo hotel, sendo de esperar uma elegante concorrencia, não só de familias de Cascais e Estoris como de Lisboa, visto estarem tomadas mesas em grande numero.

Pontos de reunião

No Trindade

Assistencia elegante á 8.a récita de assinatura da companhia de «Zarzuela chica» realizada ontem:

Madame Fernando Branco e filhas, Madame Almeida Herrera, Baronesa Di Valentino, Madame Avilez y Tiscar, Condessa de Ficalho, Condessa de Pinhel, D. Branca de Atougula Ferreira Pinto Basto, D. Maria de Mendia de Lancastre, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Angelica Pavão Pereira da Rosa, Madame Alberto Soto Maior, D. Mafalda Mayr da Camara Leme de Mesquita, D. Maria Inês Alçada, Madame Pinheiro Correia, D. Georgina Cardoso dos Santos, Madame Benoliel e filha, D. Maria Alice Tedeschi Placido, Madame Ruth Monteiro, D. Angelina Mitre Conceição e Silva, Mesdemoiselle Alves do Rio, etc.

Na Costa do Sol

As festas de amanhã

Realizam-se ámanhã, na Costa do Sol, as seguintes festas, de tarde, na magnifica explanada do Tamariz:

Inauguração, pelas quatro horas, das festas infantis, para crianças até 12 anos, com diversas corridas em que serão disputados varios prémios, seguida de «Chá»; no vasto campo de obstaculos do Pinhal inicio da disputa «Echarpe Estoril» e do «Brassard Estoril» e, no Casino Internacional, no «restaurant», segundo «Chá dançante», que será abrilhantado pela orquestra «jazz-band» Vieira Pinto, e á noite, no mesmo «restaurant», o tradicional «Jantar á americana».

O dia de ámanhã, na Costa do Sol, val, decerto, marcar pela elegancia.

Em viagem

Partiu em viagem de estudo, percorrendo Espanha, França, Belgica, Suissa, Alemanha e Austria, o distinto clinico oftalmologista sr. dr. Sertorio Monico Sena.

CASA DE SAUDE DE BENFICA

Medicina e Cirurgia

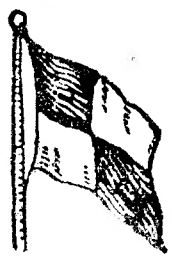
Rua de Duarte Galvão, 54 —— **Tel. B. 65**

ESTA CASA DE SAUDE está situada em um extenso parque, a dez minutos do centro da cidade. Local privilegiado pelos seus bons ares e absoluta tranquilidade. Optimas instalações Diarias desde 60 esc., sem quaisquer taxas suplementares. Curas dietéticas. Curas de repouso em amplas galerias voltadas ao sul. Serviço medico permanente. Serviços organizados para quaisquer intervenções cirurgicas, de dia ou de noite. Não se recebem doenças contagiosas ou mentais.

Sortes grandes ?

só o **PINA** as vende

75—Rua de S. Paulo—77



Companhia Nacional de Navegação

PROXIMAS SAIDAS

Serviço de Africa

Serviço de Cabo Verde e Guiné

no dia 15 de Maio o vapor

"Ambriz"

com destino aos portos de Funchal, S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

Linha rapida da Africa Occidental e Oriental

no dia 20 de Maio o paquete

"Moçambique"

com destino aos portos de Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e com baldeação em Lourenço Marques, para Inhambane, Chinde, Quelimane, Pebane, Angoche, Porto Amelia e Ibo.

Serviço do Brazil

no dia 15 de Maio o paquete

"Lourenço Marques"

com destino aos portos de Rio de Janeiro e Santos.

SAIDAS EM JUNHO

Serviço de Africa

Linha rapida da Africa Ocidental

no dia 1 o paquete

"Pedro Gomes"

com destino aos portos do Funchal, Principe, S. Thomé, Cabinda, Sazaire, Loanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes.

Linha ordinaria da Africa Occidental

no dia 10 o vapor

"Cubango"

com destino aos portos de S. Thomé, Ambriz, Loanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes e Porto Alexandre e com baldeação em Loanda para os portos de Bahia dos Tigres, Lucira, Ambrizette, Pointe Noire, Boma, Noqui e Matadi.

Serviço do Brazil

no dia 5 de junho o paquete

"Nyassa"

para Leixões, Hamburg, Rotterdam e Anvers.

Os paquetes desta Companhia dispõem de frigorificos, quinteto e cinema e proporcionam aos srs. passageiros viagens rapidas, confortaveis e economicas.

Para esclarecimentos e mais informações:

Séde: 85, R. do Comercio—LISBOA **Sucursal: 34, R. da Nova Alfandega—PORTO**

Desportes

Os jogos de amanhã

Na Tapadinha e no Restelo têm lugar os jogos de Lisboa. Em Setubal e Barreiro os outros dois jogos dos quartos de final do Campeonato de Portugal.

O Benfica deve vencer o Carcavelinhos por 2-0.

O Belenenses vence o Maritimo por 3-1.

O Vitoria bate o União por 3-1 e desta vez não haverá em Setubal scenas desagradaveis.

O Barreirense pode vencer por uma diferença de cinco bolas ou mais.

E estes prognosticos concordes com a lógica podem ou não ter uma realização prática se a sorte assim o ditar.

Noticias diversas

Consta que o Belenenses vai abandonar a Federação Portuguesa de Natação (Amadores), por esta se não encontrar devidamente legalizada.

— Já se não realiza hoje o Congresso da citada Federação porque o sr. governador civil de Lisboa indeferiu o pedido de autorização para que tal Congresso se efectuasse.

— Começa amanhã a disputa do campeonato infantil de «foot-ball» inter-clubes.

— Para disputa da «Taça Pinto Basto» iniciam-se amanhã os jogos de «foot-ball», inter-escolas superiores.

— Continuam amanhã os jogos de Basket-ball e Hockey em campo dos respectivos campeonatos de Lisboa.

Dizemos isto, por informações particulares recebidas, pois até hoje ainda não recebemos sombra de comunicado das respectivas Federações.

A MIMOSA DO CAMÕES

Restaurant e Leitaria

Variado sortido de bolos e pasteis. — Serviço por lista. — Fornece jantares para fóra. — Gabinetes reservados.

Tabacos, vinhos finos e licores nacionais e estrangeiros.

Recebem-se comensais a 250$00.

36, Rua da Horta Seca, 36

LISBOA

A SORTE GRANDE

e

IMEDIATA

foram vendidas na Casa

Campião & C.a

3507 vigesimos 400.000$00
1117 " 40.000$00

além doutros premios (isto sem vigario)

As proximas extracções são a 17, 24 e 31, de

400.000$00

A 14 de Junho

3.000:000$00

Bilhetes a 840$00

Pedidos a

Campião & C.a

116, R. DO AMPARO

BEBA
SALUS (VIDAGO)
A MELHOR AGUA MINERAL

ESTRANGEIRO

SWING
a melhor lamina, especial para barbas rijas. Fabricada em
SANDVIKEN SUECIA

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

O desarmamento...

ROMA, 10.

O sr. Grandi pronunciou um grande discurso sôbre politica externa, em que reclamou não só a paridade naval com a França mas com a nação continental mais armada, declarando, entretanto, que a colaboração da França com a Italia era uma condição essencial para o levantamento da Europa.

WASHINGTON, 10.

O sr. Britten apresentou á Camara um projecto de programa naval, em que é prevista a verba de 936.995.000 dollars para as novas construções.

Na India

BOMBAIM, 10

Inaugurou-se hoje, sem incidente, o festival mussulmano em Bekrid, com orações por milhares de fieis.

Os membros do Congresso resolveram não organizar cortejos hoje, a fim de evitar conflitos com os mussulmanos.

SURAT, 10

Patel, ex-presidente da assembleia legislativa, discursando num comicio publico preconisou a «boycottage» social dos empregados do govêrno, ao não pagamento do imposto agrario enquanto Ghandi estiver preso.

A guerra na China

PEQUIM, 10

Continuam as hostilidades numa frente de 70 milhas nas proximidades do caminho de ferro de Lunghai. As posições inimigas estão sendo constantemente bombardeadas com resultado, tendo ficado mortos 47 civis e havendo grandes prejuizos materiais em Chenghow.

A CONSTITUIÇÃO DUMA NACIONALIDADE

O centenario

da independencia belga

A heroica Belgica, que os jornalistas portuguêses vão vizitar dentro de dias, dispõe-se a celebrar com solenidade e entusiasmo o centenario da sua independencia. As festas e cerimonias durarão até ao fim do verão, e os primeiros actos solenes efectuaram-se ha uma semana, inaugurando os Reis a Exposição maritima, colonial e de arte flamenga em Anvers, e presidindo ante o entusiasmo popular á cerimonia inaugural da Exposição internacional de industrias, sciencia e arte valona de Liége. Deste modo comemoram o norte e o sul do país o impulso unido da revolução gloriosa de 1830, que deu a independencia ao glorioso país, assegurando a união patriotica e nacional contra o regime holandês.

Os voluntarios de Liége, unidos aos patriotas de Bruxelas, obrigaram as tropas do rei Guilherme a retirar-se da capital, e depois, graças ao generoso auxilio militar da França, tiveram os holandeses que abandonar a cidade de Anvers. A grande vitoria estava conseguida: o povo belga estava livre e a falsa união dos Países Baixos do sul e do norte, imposta contra a França no Congresso de Viena, ficava destruida.

Desde então decorreu um seculo, e desde então iniciou-se uma obra laboriosa e assombrosa.

Resta pensar no que era a Belgica ha cem anos e o que é hoje, para compreendermos a grandeza da obra realizada nos três felizes reinados dos dois Leopoldos e de Alberto I.

Se o primeiro daqueles monarcas, fundador da dinastia, soube organizar o reino, e o seu sucessor, Leopoldo II, dotou o seu país, sem meios de conquista, com um rico dominio colonial, o soberano actual representa o periodo heroico e o desenvolvimento da nação para todo o sempre.

Viva está na memoria de todo o mundo o exemplo de sacrificio que deu o povo belga na hora mais tragica dos nossos dias. Naqueles anos terriveis da guerra ficou, mais do que nunca, consolidada a independencia desse povo, que soube lutar e sofrer pela liberdade e deu provas absolutas da sua lealdade e valôr.

A Belgica, pequena em extensão territorial, é grande pelo seu trabalho obstinado e pela sua audacia, sobresaindo constantemente entre todas as nações, tanto pela sua industria e comercio, como pela sciencia e arte. Pelo seu proprio esforço se tornou moralmente grande. Três das suas cidades: Bruxelas, a sumptuosa; Liége, a ardente, poderoso centro industrial e fonte inesgotavel de riqueza, e Anvers, metropole comercial, constituem de certo modo o resumo do país belga.

Nelas se compreendia o caracter de toda a nobre nação que num seculo conseguiu tão enormes progressos. Mas não deve esquecer a Belgica, nesta data do seu centenario, que a sua propriedade e grandezas futuras, e até a sua liberdade, dependem de que se mantenha a unidade nacional. As questões que dividem os dois elementos que compõem o país, envenenadas pela paixão politica, hão de resolver-se, e todas as dissenções entre irmãos acabarão, para não atentar contra essa união sagrada.

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

O automobilismo

LONDRES, 10.

Os carros ingleses estavam á cabeça no fim da primeira parte da corrida internacional dupla das doze horas, que se iniciou ontem na pista de Brooklands. No fim das doze horas todos os carros concorrentes foram fechados e selados, de modo que a prova possa continua. hoje. No fim de 24 horas a vitoria será dada ao carro que cobrir maior distancia além da estabelecida pela formula publicada, que se baseia na potencia do carro, etc.

Os carros bébé têm, por esta formula, que correr á velocidade minima de 45 milhas á hora e os carros grandes á velocidade média de 60 milhas á hora, para se classificarem.

Até agora os carros grandes têm mantido velocidades pouco superiores a 90 milhas á hora.

Ontem á noite deu-se um grave choque entre dois Talbots, que até ali tinham feito uma ótima corrida, atingindo cêrca de 85 milhas á hora.

Um dos carros seguiu direito ás grades por traz da qual se encoontrava a multidão, ficando mortis o mecanico e um espectador. O piloto, coronel Robagliati, está sem fala. Ha numerosos espectadores gravemente feridos.

O B. I. P.

PARIS, 10

«Le Matin» referindo-se ao Banco Internacional de Pagamentos, diz que não é só pelos biliões de francos que se encontrem imobilizados para a subscrição das acções do Banco mas tambem os estabelecimentos de crédito comprovam a confiança manifestada pela primeira emissão do emprestimo das reparações fazem presagiar um sucesso sensacional.

TAXIMETROS (RÉO)
Serviço permanente
Telef. 9 Estoril
GRANDE HOTEL ESTRADE

Ceramica de Construcção
TELHAS
(de todos os tipos)
MANILHAS DE GRÉS
TIJOLOS
(de todos os formatos)
PRODUCTOS REFRACTARIOS
AZULEJOS
(brancos, pintados e artisticos)
LADRILHOS DE CIMENTO
PRODUCTOS DE OLARIA
LOUÇA SANITARIA
MOSAICOS DE GRÉS CERAMICO
DAS FABRICAS DA
Companhia da Fabrica Ceramica Lusitania
Antiga Fabrica Bessiére
Rua do Arco do Cego, 88, (Campo Pequeno)
Telefones: 547-N. e 2626-N. — Telegramas: EREIÈBSS

VINHO NUTRITIVO DE CARNE
O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tonico reconstituinte, levanta as forças, dá robustez, e é empregado com exito por todos os convalescentes
A' venda em todas as Farmacias e Drogarias
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
R. de Belem, 18 a 22—LISBOA

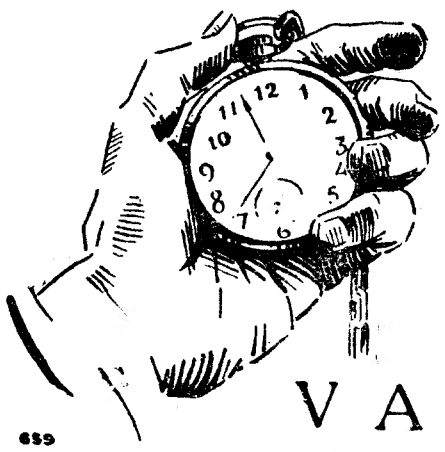
Condição que a impõem
Unica que não pode inquinar-se é a fonte da "Boneca„ Agua de Vale Cavalos. Nasce nas penedias da Serra de Cintra (Malveira) onde não existem moradores nem cultivos.
Purissima, considerada o tesouro do estomago e intestinos.
A mais antiga servida em garrafões. Peça-a hoje mesmo pelo Telefone N. 5072. R. S. Bento, n.º 634.
CONTRERAS & CONTRERAS, L.da

Quer a sorte grande? Habilite-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

Sortes grandes? só o PINA as vende 75 — Rua de S. Paulo—77

Leilão de Penhores
«A COMERCIAL»
18, T. da Trindade, 22 (ao Chiado)
Telefone T. 3932
Dia 12 do corrente e seguintes pelas 14 horas
O LEILÃO é feito na Rua do Norte, 81

Como cronómetros
funcionam os motores
empregando
Auto-Gazo
Gazolina anti-detonante
VACUUM OIL COMPANY
Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil
659



ODEON HOJE ás 21 horas
Exito da grande comedia
Uma noite em Singapura
O «vaudeville»
SAIAS!!!...

ULTIMAS NOTICIAS

KLEAR-BUK
Passagem e limpeza a seco e lavagem de fatos, vestidos, etc., por este processo
ENGOMADARIA AMERICANA
RUA IVENS, 27 — TELEF. C. 173

NO CONGRESSO COLONIAL

FOI SUSPENSA

a aprovação das conclusões que se relacionam com o "Acto Colonial"

A terceira sessão do Congresso Colonial Nacional realizou-se hoje de manhã, na Sociedade de Geografia, sob a presidencia do sr. dr. Pedro José da Cunha, secretariado pelos srs. Almirante Ernesto de Vasconcelos e dr. José Penha Garcia.

O nosso colega na Imprensa sr. Julio Cayola — que é tambem congressista — pediu ao sr. presidente que o esclarecesse, porquanto ouviu o sr. dr. Antonio de Aguiar, presidente da primeira sessão, declarar no final que as conclusões da tése do sr. engenheiro Lisboa de Lima ficariam subordinadas á discussão do «Acto Colonial», e hoje, nos relatos dalguns jornais, viu que as conclusões tinham sido aprovadas.

O sr. presidente declarou que as conclusões da tése ficam sujeitas ao resultado da discussão do «Acto Colonial».

O sr. dr. Carlos de Alpoim enviou para a mesa uma moção sôbre a incompatibilidade entre o desempenho de funções de responsabilidade na Metropole e nas Colonias e o exercicio normal de cargos em emprezas particulares e sôbre a absoluta necessidade da continuidade administrativa nos altos cargos de govêrno nas colonias.

O sr. presidente disse:

— Mas acabam de me informar de que as palavras do sr. dr. Antonio de Aguiar não tiveram oposição alguma...

O sr. Cunha Leal:

— Não falei nessa ocasião, porque as palavras do sr. dr. Antonio de Aguiar deram absoluta razão á tése formulada pelo sr. dr. Carlos de Alpoim, com a qual concordei absolutamente de que primeiramente deveria ser discutido o «acto [illegible] do sr. dr. [illegible] para ao [illegible] confessar que estava de acôrdo com a tése do sr. dr. Carlos de Alpoim. Tudo o que se está passando nas sessões vem provar claramente que a unica solução lógica é a de se discutir, antes de mais nada, o «Acto Colonial». De contrario, pode o Congresso ser levado a conclusões contradictorias, visto que, depois de apreciar as téses apresentadas, êle terá que discutir o «Acto Colonial» que, em muitos casos, é contrario ás doutrinas daquelas.

O sr. Almirante Ernesto de Vasconcelos propôs que a aprovação das conclusões das téses sôbre administração colonial politica e civil fôsse suspensa até á discussão do «Acto Colonial», devendo a Sociedade de Geografia determinar depois a oportunidade da sua discussão. E o sr. Cunha Leal propôs que êsse procedimento se generalisasse a todas as téses cujas conclusões tenham qualquer relação com o «Acto Colonial.

Depois de falarem os srs. Almirante Ernesto de Vasconcelos e dr. Carlos de Alpoim, foi a proposta, com o aditamento, aprovada por maioria, tendo feito declarações de voto os srs. Nogueira de Lemos e Antonio José Pereira.

Costa do Sol
ALMOÇOS E JANTARES TODOS OS DIAS
Restaurante do Casino Internacional
MONTE ESTORIL

O «ANGOLA E METROPOLE»

As declarações de Alves Reis

causaram grande surpreza

(Continuação da pagina central)

cho, e que eu não apanhei. Pois, srs. juizes: em minha consciencia estou convencido de que não a enviou! Pensou em fazê-lo, talvez...

Só 86.000 contos!

Reis, agora, com grande energia, afirma que pôz em circulação 86.000 contos exactos de notas. E diz:

— 86.000 contados, dos quais tomo a responsabilidade. Se apareceram mais, foi das apreendidas. V. Ex.as apreciarão este caso...

Alves Reis termina, por agora, mas diz que faça o sr. juiz as preguntas que entender.

— E o vale assinado Mota Gomes?

— Confesso que o falsifiquei, para iludir os outros e apanhar dinheiro a Marang, para estabelecer o plano.

— O senhor é acusado tambem de ter falsificado a escrita da firma Alves Reis...

— Não é verdade isso! — replica negando pela primeira vez.

Alves Reis conta, demoradamente, a mecanica da escrita da firma que tinha o seu nome, dizendo a proposito que Roquete, um habil guarda-livros, nada sabia da emissão clandestina das notas.

O sr. juiz presidente:

— E' tambem acusado de falsificar o seu diploma de engenheiro.

Alves Reis, com veemencia:

— Não posso apresentar esse diploma, que é verdadeiro, porque figura no espolio do meu falecido patrono. E os herdeiros de Cunha e Costa exigiram-me, para o reaver, uma quantia que eu não pude satisfazer. E'-me doloroso fazer esta revelação. (Sensação).

Os jurados interrogam

O juiz jurado, dr. Malato Fino faz secamente uma pregunta:

— O que é que o sr. entende por emissão clandestina?

Alves Reis, por sua vez, interroga o juiz:

— A minha emissão é tão falsa como as do Banco de Portugal. A comparação decisiva do proprio texto da lei. Se o meu procedimento pede sanções, tambem o pede o da administração do Banco de Portugal.

O dialogo entre o juiz dr. Malato e reu assume aspectos de uma grande vivacidade.

— O que pensa de José Bandeira?

— Uma inteligencia vulgar. Tinha influencia nos meios comerciais da Haia, nada mais.

O reu diz com frequencia:

— Ah! v. ex.ª está equivocado...

Em certa altura diz o reu:

— Eu mal conheço a legislação portuguesa, por dever de oficio. Sobre legislação internacional consultei um advogado e fiei-me no que ele me disse. O negocio transformou-se pela mão do destino. De começo não era nada disso. Foi o destino que me levou, pela mão de Marang, á Casa Waterlow, fazendo-se uma nota bôa em vez de uma nota falsa.

O sr. dr. Malato Fino:

— Mas o sr. financiou-se a si proprio tambem...

Alves Reis, nervosamente, mete as mãos nas algibeiras:

— Não se tratava de manter o desconhecimento de um acto ilicito. Tratava-se de limitar o conhecimento de um acto licito. V. ex.ª, sr. dr. juiz, está a confundir o segredo do negocio com o segredo do crime. Eu não tinha confiança nos meus colaboradores para o crime, mas tinha confiança para o negocio.

Ultima frase:

— Tenho a certesa de que se v. ex.ª estivesse nas condições em que esses homens trabalharam junto de mim, estaria hoje tambem no banco dos reus.

O juiz dr. Rocha Ferreira:

— Porque se transformou a sua atitude?

— Por motivos de natureza moral. V. ex.as julgam homens, mas não julgam almas.

O dr. Sampaio e Melo:

— O senhor dizia que não tinha falsificado. Mas afinal falsificou ou não falsificou?

— Não tenho habilidade de falsificador.

— Gratificou normalmente ou excessivamente os seus empregados?

— O que entende v. ex.ª por gratificações excessivas? Eu gratificava de acôrdo com a massa dos negocios que eles faziam por minha conta.

O sr. dr. Jeronimo de Sousa, delegado da acusação, fez varias preguntas embaraçosas ao réu.

— V. ex.ª — diz Reis — está-me a interrogar sôbre factos depois dos quais já decorreram cinco anos.

Alves Reis embaraça-se, divaga.

O dr. Simão José, juiz presidente:

O reu responde sinteticamente ás preguntas que lhe são feitas.

O sr. dr. delegado:

— E' ou não verdade que o reu decalcou as assinaturas?

Alves Reis explica. No fim pede para descansar. O delegado concorda e o tribunal tambem.

O Reis, extenuado:

— Estou ha 5 anos fechado, e falo aqui ha umas poucas de horas. Dêem-me 10 minutos.

Eram 17 horas....

A audiencia continua

Pouco depois reabriu a sessão. Na altura do interrogatorio do Reis pelo advogado de acusação e pelo sr. Delegado, o Juiz por vezes divergiu da maneira de interrogar.

Alves Reis responde ás cerradas preguntas da acusação, com serenidade umas vezes, com vivacidade outras.

A audiencia está decorrendo no meio de uma grande espectativa.

Adivinha-se o desejo da acusação de levar o reu a precisar as suas responsabilidades, para de certo modo aumentar as dos co-reus, especialmente José Bandeira.

Até este momento a posição de Antonio Bandeira parece menos anuveada, e a de José Bandeira não se complica.

A's 18 horas

Entram todos os reus, que unanimemente declaram entregar a defesa aos seus advogados. Começam a ser ouvidas astestemunhas.

A figura predominante do Tribunal na audiencia de hoje, tem sido o juiz presidente. Austero, rispido, preciso nas suas interrupções, sem deixar de ser humano.

A inauguração das novas salas do Automovel Club de Portugal

Realizou-se esta tarde a inauguração das novas salas do Automovel Club de Portugal, no Palacio Palmela.

A's 16 e 30 chegou ao edificio, onde se encontravam todos os directores do A. C. P., diversos automobilistas e muitas senhoras, o sr. Presidente da Republica, acompanhado do seu ajudante, sr. tenente Carvalho Nunes. Pouco depois entravam os srs. Presidente do Ministerio, Bispo de Trajanopolis, Governador Civil de Lisboa e outras personalidades.

Foi servida uma taça de «Champagne», falando o presidente da direcção do A. C. P., sr. Ricardo O'neill.

O Chefe do Estado visitou as magnificas salas, onde depois se realizou um animado baile.

Companhia da Beira Alta

Reuniu hoje a assembleia geral da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, para ouvir a leitura da acta da ultima sessão, que foi aprovada.

MAXIM'S — DANCING DE LUXO — de frequencia seleccionada
ESTA NOITE: Grande Orquestra de Jazz — a melhor de Lisboa
ELITE GIRLS — grupo de 8 lindas bailarinas alemãs
SOEURS LUNGLA — bailarinas negras, exoticas
TEATRO APOLO 2 sessões ás 8 1/2 e 10 1/2
revista SENHOR DA SERRA

Comunicado
A casa Anibal Tavares participa a todos os Ex.mos freguezes e amigos que dentro de 15 dias deve ter as suas novas instalações prontas, e o seu novo sortido de Joias com brilhantes, e pratas artisticas
95, Rua da Prata, 97 — LISBOA

HOJE NO BRISTOL GRANDE SUCESSO DO TRIO MARIFLOR
SEGUNDA-FEIRA, 12 — Estreia da CRU'S DANCE ORQUESTRE e FERIDE DJEMAN
QUARTA-FEIRA, 14 ARTE NEGRO — 15 artistas
Amanhã ha Chá
Jantares a Esc. 15$00
HOJE E TODOS OS DIAS no Bar Americano do BRISTOL
TORNEIOS LUSO-HISPANOS DE PING-PONG
Abre ás 16 — até ás 23 entrada gratis
NA PROXIMA SEMANA: Campeonato Feminino de Ping-Pong do BRISTOL